



PROJETO DE LEI

Denomina a Praça Deraldo Pereira de Oliveira compreendida no entroncamento das ruas Manuel dos Santos Simões com a Rua Águas Férreas e dá outras providências

A Câmara Municipal de São Paulo DECRETA:

Art. 1º - Fica denominada de "Praça Deraldo Pereira de Oliveira" , o logradouro inominado compreendido no entroncamento das ruas Manuel dos Santos Simões (aproximadamente nº 219) com a Rua Águas Férreas.

Art. 2º - As despesas decorrentes da execução desta Lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 3º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, em 16 de maio de 2025

Gabriel Abreu
Podemos



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

JUSTIFICATIVA

Deraldo: Uma Vida Tecida de Sonhos, Amores e Lutas por sua Comunidade em Terras Paulistanas

Das terras quentes de Itororó, Bahia, onde o sol batizava a pele e o cheiro da terra molhada contava histórias antigas, partiu Deraldo Pereira de Oliveira. Tinha pouco mais de vinte anos, mas no peito carregava a maturidade precoce dos que sabem que a vida é uma estrada a ser desbravada. São Paulo, a metrópole que acenava com a promessa de um futuro mais próspero, tornou-se seu destino. Deixou para trás as paisagens da infância e mergulhou no ritmo acelerado das indústrias, encontrando no ofício de metalúrgico o sustento e a dignidade para construir seus sonhos.

Os anos se passaram, moldando Deraldo não apenas no ofício, mas também na alma. E foi em meados da década de 1960 que o destino teceu um de seus mais belos encontros. Os olhos de Deraldo cruzaram o olhar de Rosa, e naquele instante, em meio ao burburinho da cidade grande, desabrochou um amor sereno e profundo. O namoro floresceu, regado a cumplicidade e planos para o futuro.

Em 14 de setembro de 1963, sob as bênçãos da união, Deraldo e Rosa disseram o "sim". Daquele amor nasceu uma família, cinco pequenos seres que vieram colorir ainda mais a vida do casal. No entanto, o destino, em sua impiedosa tecelagem, apresentou-lhes uma dor lancinante: Maria Aparecida, uma das filhas, partiu cedo demais, com apenas cinco meses de vida. Uma ferida que o tempo suaviza, mas jamais apaga, um lembrete da fragilidade da existência.

Apesar da dor, a vida seguia, e Deraldo, homem de pouca instrução formal, mas de sabedoria ímpar, nutria um desejo ardente: ver seus filhos voarem mais alto que ele, munidos do conhecimento que a escola podia oferecer. Acreditava na força transformadora da educação, um legado que queria ardentemente deixar.

Em 1976, um novo capítulo começou a ser escrito. Com um acordo na empresa onde dedicara anos de trabalho, Deraldo viu a oportunidade de fincar raízes ainda mais profundas. Comprou o terreno e, com as próprias mãos, começou a erguer o lar da família. De segunda a sexta, era o metalúrgico dedicado; nos fins de semana, vestia a capa de construtor. Sem nunca ter segurado uma colher de pedreiro antes, Deraldo, lado a lado com Rosa, rebocou paredes e assentou pisos, tijolo por tijolo, em um ato de amor e perseverança que transformou a casa em um santuário de suas lutas e conquistas. Aquele lar, erguido com suor e carinho, seria o refúgio da família de 1977 até o seu último suspiro.

Mas a sua força não se limitava às paredes de seu lar. Sua alma generosa o impulsionava a olhar além, para a comunidade que o acolheu. Ele se tornou um lutador incansável por melhorias na região, compreendendo que o bem-estar individual estava intrinsecamente ligado ao bem-estar coletivo. Participava de associações, unindo-se aos vizinhos em busca de um lugar melhor para todos. E foi em uma dessas lutas, em uma



reunião crucial, que Deraldo demonstrou a força de sua voz e a paixão por sua comunidade.

Apoiado por emendas de vereadores desta casa a associação na qual, com a simplicidade e a firmeza que lhe eram peculiares construiu uma praça, um espaço de lazer e convívio para os moradores. Suas palavras, carregadas da necessidade e do desejo de tantos, encontraram eco. Os Vereadores atenderam à solicitação, destinando recursos para a realização da obra. A praça, que nasceu do anseio da comunidade e da coragem de Deraldo em expressá-lo, tornou-se um símbolo da sua luta e da sua dedicação ao próximo.

A vida, em sua generosidade, presenteou Deraldo com a alegria de ser avô. Cinco netos vieram iluminar seus dias, quatro meninos cheios de energia e uma menina, a doçura em pessoa. Em cada sorriso e abraço dos netos, este grande homem reencontrava a leveza, intercalando a seriedade do trabalho, da construção do lar e da luta comunitária com momentos de pura diversão nas partidas de dominó e truco, onde a estratégia se misturava com as risadas e a camaradagem.

Mas o destino, por vezes cruel em suas pinceladas, reservava a Deraldo mais uma prova de fogo. Em 26 de março de 2006, o luto voltou a ensombrar sua vida. Sua primogênita, Rita, partiu. A dor foi avassaladora, um golpe duro que pareceu quebrar algo dentro dele. "Eu morri também", disse, em um desabafo que traduzia a imensidão de sua perda. A tristeza instalou-se em sua alma, minando a vontade de viver. Com a saúde já fragilizada por um problema na coluna, recolheu-se, em seus passos mais lentos, a cama um refúgio da dor que parecia dilacerar-lhe o peito.

O ano de 2006 se aproximava do fim, e no dia de Natal, 25 de dezembro, sentiu o corpo fraquejar. Uma pneumonia o acometeu, debilitando-o rapidamente. Naquela noite, a falta de ar o levou ao hospital. E então, no dia seguinte, 26 de dezembro de 2006, nove meses após a partida de Rita, Deraldo Pereira de Oliveira, o homem que construiu sonhos com as próprias mãos, que amou intensamente, que sentiu a dor da perda, a alegria de ver a família crescer e a satisfação de lutar por sua comunidade, entregou-se à paz. Partiu serenamente, deixando para trás um legado de força, amor e a doce memória de uma vida plenamente vivida, marcada pelas cores vibrantes da Bahia, pela resiliência de São Paulo e pelos laços inquebráveis de uma família e uma comunidade que ele amou acima de tudo. Sua história, gravada na memória daqueles que o amaram e nas pedras da praça que ajudou a conquistar, ecoa como um belo e tocante romance sobre a jornada humana.

In memoriam de Deraldo Pereira de Oliveira

Guilherme Barcellos Anhô